



A INTERFACE DO SABER GEOMORFOLÓGICO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO GEOGRÁFICO: EFEITOS DO DISTANCIAMENTO ENTRE O COMPONENTE RELEVO E O ESPAÇO GEOGRÁFICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Joerlan dos Santos Cardozo¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo discutir a importância da Geomorfologia no âmbito do ensino de Geografia, com vistas ao papel do relevo mediante as dinâmicas do espaço geográfico. O relevo é um componente físico-natural essencial, implicando não somente processos estritamente geomorfológicos, mas, na configuração do espaço geográfico. Este estudo foi realizado no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência-PIBID sob fomento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, em uma turma do 9º Ano do Ensino Fundamental Anos Finais, em Ilhéus-BA. Durante observações em estudos dos continentes Ásia e Europa, identificou-se situações de distanciamento entre o conhecimento geomorfológico e geográfico, reverberando negativamente na compreensão dos discentes sobre atributos espaciais dos continentes, que depende fortemente da apreensão e compreensão do relevo enquanto componente condicionante da produção do espaço geográfico. Para auxiliar na redução destas dificuldades, integrar conceitos, processos geomorfológicos e geográficos alinhados ao conteúdo do trimestre, foram adotadas metodologias como oficinas e jogos didáticos, auxiliando na mitigação destes atravessadores. Constatou-se que estas metodologias favorecem a participação coletiva e ativa do educando, com elas, buscou-se explorar e estabelecer as relações entre as feições geomorfológicas e a configuração espacial dos continentes. Portanto, esta atividade foi crucial não somente para fortalecer a interconexão entre a Geomorfologia e a Geografia, mas, destacou a necessidade de integrar elementos físicos e sociais no ensino do componente curricular. A experiência de explorar diferentes metodologias pode auxiliar grandemente o processo de ensino-aprendizagem, com vistas a um ensino holístico e significativo.

Palavras-chave: Geomorfologia, Espaço Geográfico, Oficina Pedagógica, Pibid, Educação Geográfica

INTRODUÇÃO

No campo da ciência geográfica, o relevo é entendido como um elemento constituinte e fundamental para compreender as dinâmicas estabelecidas no espaço geográfico, integrando elementos e fatores físicos e sociais que compõem a produção espacial no palco no qual o homem pratica o teatro da vida (ROSS, 1996). Na educação básica, ainda pode-se observar uma constante fragmentação e descontextualização, onde o relevo é tratado de forma isolada e desarticulado de outros elementos, a exemplos das dinâmicas humanas que, em grande parte, são condicionadas pelo modelado da superfície (BERTOLINI; VALADÃO, 2015).

O ensino de Geografia ainda traz consigo marcas da chamada Geografia Tradicional, compartimentando os conteúdos e reduzindo a Geomorfologia a classificações morfológicas,

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC, joerlansantos18@gmail.com;



dissociando-a das práticas sociais, econômicas, políticas e culturais. Conforme observa Marques (2001), essa visão fragmentada cria a falsa impressão de que as formas de relevo são elementos independentes, quando na verdade, estão interligadas aos demais componentes do espaço geográfico.

Objetiva-se a discutir a importância de integrar conceitos geomorfológicos no ensino de Geografia, reforçando sua participação no condicionamento de processos naturais e sociais. A partir da experiência vivenciada no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental Anos Finais, apresenta-se uma intervenção pedagógica baseada em oficina e jogo didático (Quiz Geomorfológico), favorecendo a compreensão integrada do relevo e suas relações com as dinâmicas geográficas dos continentes Europeu e Asiático.

Este trabalho adotou uma abordagem de pesquisa qualitativa, partindo, inicialmente, de observações feitas em sala, tendo como base teórica o levantamento de bibliografias em periódicos, tanto acerca da Geomorfologia quanto aquelas voltadas ao ensino de Geografia, aplicação de Quis e oficina pedagógica em sala. O estudo foi conduzido no Instituto Municipal de Ensino Eusínio Lavigne, situado na Avenida Canavieiras, no Bairro Boa Vista na cidade de Ilhéus-BA.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Geomorfologia e a Geografia apresentam uma relação simbiótica, tendo em vista que “A geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural).” (SILVA, 2007, p.07). Isso traz à tona a existência de um elo intrínseco entre o estudo do relevo terrestre, seus processos e a relação com a produção do espaço geográfico. Sendo assim, o relevo pode ser concebido enquanto um componente do estrato geográfico que é reflexo das interações naturais e sociais CASSETI, 1991).

Deste modo, é evidente que entender o nexos da relação Sociedade-Natureza pressupõe contemplar o relevo como parte fundamental e condicional a este processo de produção do espaço geográfico. Logo “O relevo, como componente desse estrato geográfico no qual vive o



homem, constitui-se em suporte das interações naturais e sociais.[...]nele - relevo - que se reflete o jogo das interações naturais e sociais.” (CASSETI, 1991, p. 18)

Conforme destaca Ross (1996, p.10), “o relevo terrestre é parte importante do palco, onde o homem, como ser social, pratica o teatro da vida”, logo, para o entendimento do dinamismo espacial, a Geomorfologia surge como forma de explicar a interface do relevo, para que a partir disso a Geografia tenha subsídio para captar as interconexões entre a dinâmica das formas superficiais e os demais processos. Sendo assim, entende-se que a: “Geomorfologia é importante no contexto da ciência geográfica, já que os processos físicos são, em parte, responsáveis pela dinâmica do espaço, razão [...]suficiente para que a Geografia não os possa ignorar.” (PEDROSA, 2014. p. 04). Por este motivo, considera-se que:

é preciso que se analise o ambiente de uma forma mais ampla para que se percebam todos os componentes que estão envolvidos nesta dinâmica de produção de paisagens e os quais compõem o meio por nós percebidos dando a ele este modelado que encontramos no nosso dia-a-dia, e que, muitas vezes, se desconhece qual a verdadeira origem do mesmo. (TORRES; SANTANA, 2009. p 03)

No entanto, é comum encontrar a Geomorfologia sendo tratada de forma isolada no campo da Geografia, tanto na própria ciência quanto em seu componente curricular, no qual, segundo Bertolini e Valadão (2009), são privilegiadas conceituações e descrições, ao invés de apresentar o relevo como um ponto de convergência com outros processos. Tendo em vista que para além da equivocada e errônea distribuição dos conteúdos em verdadeiras gavetas do conhecimento, ainda é perceptível que o relevo não é um componente isolado, mas interage continuamente com os demais elementos do ambiente, relacionando-se por meio de influências mútuas, que moldam as formas e a evolução da paisagem (MARQUES, 2001)

É pertinente realizar a adoção de uma abordagem holística ao analisar o espaço geográfico e as formas de relevo, de modo que torne-se possível reconhecer as interações, associações e influências mútuas entre o espaço e a paisagem morfológica. Dissociar estes dois elementos torna a análise espacial equivocada e simplista, de modo que as complexas interações e dinâmicas que moldam o estrato geográfico sejam comprometidas.

Dissociações entre o relevo e o espaço geográfico nos continentes: Distanciamento entre a Geomorfologia e a interpretação da Europa e Ásia



Ao longo dos estudos sobre a Europa, identificou-se dificuldades na compreensão das relações entre relevo, disponibilidade hídrica e padrões de drenagem fluvial. Ao estudar rios europeus como Reno, Volga e Danúbio, os discentes reconheciam seus grandes volumes em água, mas, associavam esta característica exclusivamente ao regime climático, desconsiderando o relevo como parte deste sistema. Assim, não percebiam que áreas planas e pouco declivosas favorecem o acúmulo de maiores volumes de água e a formação de bacias mais densas.

Segundo Pelech (2021), compreender os rios pressupõe integrar o contexto geomorfológico, relacionando o relevo à organização e funcionamento das bacias e seus canais de drenagem. Além disso, não se estabeleciam as relações entre as planícies, proximidades de rio e adensamento humano, embora estas fossem áreas de grande concentração demográfica na formação espacial da Europa. Observa-se que áreas planas e com disponibilidade hídrica são mais propícias às atividades humanas, como as econômicas e a própria ocupação do solo, ao contrário de locais montanhosos e acidentados.

Como aponta Macedo et al. (2015), “áreas planas e com disponibilidade hídrica são largamente utilizadas para agricultura, enquanto áreas mais declivosas são menos valorizadas e conseqüentemente menos exploradas” (p. 02), sendo este um fato crucial a compreensão da produção e organização espacial da Europa, evidenciando como a Geomorfologia se relaciona com a sociedade na produção do espaço geográfico. O dilema também apareceu ao longo dos estudos sobre a Ásia, sobretudo, quando considerou-se as economias primárias e a formação territorial no continente frente à influência das áreas acidentadas e declivosas.

No caso da China, a exemplo, a rizicultura em áreas montanhosas requer o uso de técnicas como terraços, devido à superfície íngreme, diferindo-se de áreas planas, que favorecem esta cultura. Assim, entende-se que as planícies “favorecem determinadas culturas, como a do arroz. poderíamos ainda referir-nos aos represamentos em que a água constitui o recurso natural diretamente apropriado, mas cujo aproveitamento está fortemente condicionado às características do relevo”. (VENTURI, 2006, p. 10).

No entanto, os alunos demonstraram não estabelecer noções de que o declive acentuado exige a adaptação a tais condições, tendo em vista que vertentes mais íngremes tornam processos como erosão e lixiviação mais potentes, ou seja, para o plantio de arroz faz-se necessário a adoção destas estruturas como formas de tornar estas atividades mais



resilientes a influência da superfície na qual elas se desenvolvem. Ao estudar os limites territoriais de alguns países da Ásia, contemplando as diferenças culturais e sociais, era necessário, para além de entender o que são esses limites, lançar mão sobre os motivos que levaram a essas delimitações. Assim, fazia-se pertinente pensar o relevo enquanto um dos fatores condicionantes para os processos geopolíticos imersos na dinâmica dos países asiáticos.

Neste sentido, cabe considerar que o modelado da superfície é um elemento estabelecido como uma das barreiras naturais, podendo viabilizar ou impossibilitar a ocupação e o desenvolvimento de um povo em determinadas partes do globo, levando as povoações no continente a desenvolver comportamentos, conflitos, culturas e tradições que diferem umas das outras. D' Arrochella (2022) defende a premissa de que há um encontro entre as fronteiras naturais e o estabelecimento dos limites territoriais, focalizando o relevo do Himalaia como delimitação fronteiriça de China, Nepal, Butão, Paquistão e Índia, visto que:

Podemos afirmar que de certo modo, os limites territoriais desses quatro países tendo por base a Cordilheira do Himalaia, não são meras coincidências e, que fronteiras naturais, eram percebidas e contribuíram para que cada nação tivesse o próprio entendimento de seus limites. (p. 12)

Neste sentido, cabe salientar que o relevo desta fronteira orogenética (que age sob a distribuição de chuva, de atividades econômicas, organização social dos países envolvidos) foi e ainda é decisivo para a construção das identidades territoriais, tendo em vista a sua influência sobre os modos de uso e ocupação da terra. Isso nos leva a retomar a afirmação de Cassetti (1991) ao reforçar o papel do relevo como suporte das interações sociais e naturais, tendo em vista a sua influência direta nas dinâmicas humanas e ambientais.

No contexto deste limite orogenético, o relevo assume um papel crucial na definição dos padrões de assentamento humano e no desenvolvimento de atividades. Por exemplo, as áreas montanhosas podem exercer limitações quanto à agricultura e pecuária, deixando a produção à mercê de adaptações, como é o caso da implementação de terraços para o plantio de arroz na China. Para além disso, a presença de cadeias montanhosas exerce influência nos padrões climáticos, afetando a distribuição de chuvas e consequentemente a disponibilidade de recursos hídricos. Como consequência, as atividades que dependem da água como a agricultura irrigada são condicionadas e afetadas por essa situação geomorfológica.



A organização socioespacial desses países é fortemente pautada pelo relevo, o que reflete em variadas formas de ocupar seus territórios, neles, as estradas e ferrovias são pensadas para fins de minimização dos desafios de cunho topográfico, além dos tensores tectônicos. Tais associações apareciam como um grande desafio aos estudantes, que não compreendiam essas dinâmicas pela ausência de um olhar inclinado a integrar o relevo e as dinâmicas humanas. Sala (2023) enfatiza a necessidade de trabalhar perspectivas geossistêmicas na educação básica para possibilitar a compreensão da relação entre estas infraestruturas e a topografia, já que pensar o planejamento e ocupação da terra pressupõe pensar a Geomorfologia do lugar e suas nuances. Sendo assim, o ensino de Geomorfologia

É essencial, para que os educandos compreendam diversos aspectos do [...]urbano, rural e ambiental, bem como condições naturais a serem ponderadas quando da instalação de infraestruturas (linhas de transmissão, ferrovias, rodovias, aeroportos, etc). (SALA, 2023, p 415)

Deste modo, tornou-se crucial considerar que as decisões voltadas ao planejamento urbano e territorial contemplam não apenas a condição do meio social, mas também as características físico-naturais ao abordar as relações entre o espaço asiático e o quadro geomorfológico, pois, estas esferas coexistem dentro da produção e transformação espacial. Assim, a interação exercida entre homem e relevo, sociedade e natureza não só molda o meio físico, mas, condiciona as decisões para a adaptação humana mediante exposição a tais desafios impressos no quadro físico deste continente. É essencial considerar o potencial do relevo e sua influência mediante os outros elementos e processos ao abordar os conteúdos geográficos da Ásia, pois, o relevo e sua ocorrência é onipresente (VENTURI, 2004).

Nesta óptica, é crucial entender que desde a formação da crosta terrestre o relevo passou a ser a base para vários outros elementos, tais como: o solo (que depende fortemente das características geomorfológicas) os rios (que relacionam-se com o modelado para determinar o escoamento superficial e subsuperficial, tendo ainda a vazão pautada pelas formas da superfície na qual estão estabelecidas as bacias hidrográficas), a vegetação, (que a depender das características geomorfológicas associada a outras podem se desenvolver em maior ou menor densidade) e o próprio desenvolvimento do homem no decorrer da história que foi fortemente condicionado pelas características topográficas e físico-naturais de modo geral.



O componente relevo sempre foi um elemento imprescindível para o desenvolvimento e comportamento de processos que se estabeleceram no meio, sendo crucial aprendê-lo para entender o espaço geográfico. No entanto, é necessário ainda ressaltar que os mesmos elementos que foram influenciados pelo relevo respondem, em muitos casos, nos processos de transformação de suas formas, portanto, o modelado da superfície não apenas condiciona, mas acaba sendo condicionado pelas interações entre diferentes elementos, entre eles, o próprio homem na relação sociedade-natureza.

Estratégias para auxiliar na construção do raciocínio geográfico: Elaboração e aplicação do Quiz Geomorfológico e oficina Pedagógica

Com base no cenário vivenciado e nas dificuldades identificadas, buscou-se, por meio de articulações com a docente supervisora, elaborar uma dinâmica de intervenção em sala. Ao refletir sobre qual método utilizar, optou-se pela escolha do da oficina pedagógica, tendo em vista que:

São várias as atividades práticas que podem ser aplicadas na oficina como jogos, questionários, brincadeiras, dinâmicas, entre outras que podem ser executadas de maneira individual, como também em duplas ou grupos, promovendo a interação entre os participantes e torna o processo de aprendizagem mais divertido e agradável.. (OLIVEIRA;SANTOS, 2022, p.94)

Logo, associado a oficina, buscou-se desenvolver um jogo didático, especificamente a elaboração e aplicação de um "Quiz Geomorfológico", assim intitulado. Nele, buscou-se explorar a desmistificação de conceitos da Geomorfologia, didaticamente transpostos e associados ao conteúdo pragmático trabalhado, no caso, os estudos continentais sobre Ásia e Europa, mediante as dificuldades de interpretação e leitura do espaço quanto aos acidentes geográficos do relevo da Europa e Ásia e sua participação na configuração espacial. Para tanto, o desenvolvimento e aplicação desta ação foi dividido em etapas, sendo: Identificação das lacunas de aprendizagem durante as aulas de Geografia; Pesquisa bibliográfica sobre conceitos de Geomorfologia relacionados à Ásia e Europa; Exposição dialogada sobre conceitos básicos, formas de relevo e sua relação com o espaço geográfico nos dois continentes; Análise da abordagem dos conteúdos no livro didático; Seleção do jogo didático tipo Quiz e elaboração da oficina; Aplicação de atividade com identificação de formas de



relevo por meio de imagens; Premiação dos grupos participantes, incentivando o engajamento e a aprendizagem e Escuta de feedback dos aluno sobre a atividade desempenhada.

Grubel e Bez (2006) ressaltam a utilidade dos jogos nesse processo de treinamento ou reforço dos conteúdos escolares, visto que “Mesmo que o educando tenha construído o conhecimento através do seu pensamento ele precisa exercitar para praticá-lo, estendê-lo, aumentar a sua autoconfiança e familiarização com o mesmo.”(p.06)

Assim, a incorporação do quiz como participação no processo de ensino-aprendizagem revelou que o jogo pode ser uma forma de abordagem pedagógica inovadora, alinhada à atual necessidade educacional de tornar as aulas mais participativas. Acredita-se que essa ação foi importante não só de cumprir o objetivo de treinar o educando quanto aos conteúdos trabalhados em sala e a dificuldades apontadas, mas, para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, sociais e emocionais, o que torna essa experiência significativa, visto que os alunos puderam aplicar os conhecimentos já adquiridos e trabalhar suas dificuldades com o conhecimento sobre o relevo e suas relações com o estrato geográfico.

O planejamento é indispensável para o bom desenvolvimento de atividades docentes, visto que, tratava-se de duas horas aulas, tempo relativamente curto, levando em conta o fato de ainda estarmos inserido no contexto educacional onde as ciências humanas sofrem com a negligência em suas cargas horárias. Isso exigiu considerar o tempo como um dos elementos controladores desta atividade, considerando que estávamos diante de:

uma carga horária baixa que nem sempre seria possível o uso do lúdico devido ao tempo. A metodologia do jogo, portanto é uma forma interessante e desafiadora, pois visa a socialização entre os alunos, o desenvolvimento de atividades em grupos, a cooperação, a investigação, a busca pela resolução de problemas; (ALMEIDA; DE OLIVEIRA; DOS REIS, 2021. p.06)

Tornou-se imprescindível que houvesse a dedicação de um determinado tempo para planejar previamente a intervenção, considerando a iminente pressão exigida pelo curto espaço de tempo. A necessidade de planejar a aplicação da intervenção refletiu grandemente no desenvolvimento da atividade, pois, como destaca Lopes (2014), o planejamento é responsável por dar ao docente a dimensão da importância de sua aula e os objetivos destinados a ela.



A ausência do planejamento poderia representar o fracasso desta atividade, ou do contrário, ela seria realizada por meio do improviso, o que reflete atitudes que podem comprometer as atividades em sala. Portanto, “a oficina pedagógica também requer planejamento e organização, levando sempre em consideração a base teórica epistemológica durante a sua execução”(OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p.92). Surtindo efeitos positivos, constatou-se um aumento na interação dos discentes, anteriormente individualistas e, em alguns casos, pouco participativos. Neste contexto, considerou-se que

propiciam a interação entre alunos e entre alunos e professor, estimulam a cooperação, contribuem também para o processo contínuo de descontração, auxiliando na superação do egocentrismo infantil, ao mesmo tempo em que ajudam na formação de conceitos. Isso significa que eles atuam no campo cognitivo, afetivo, psicomotor e atitudinal. (CASTELAR; VILHENA 2010, p.44).

Neste sentido, constatou-se o potencial da oficina pedagógica no processo de construção do conhecimento, pois “a oficina pedagógica como instrumento didático proporciona uma aprendizagem mais significativa, uma vez que requer um envolvimento maior dos participantes.”(OLIVEIRA; SANTOS, 2022, p.92). Essa atividade foi fundamental para perceber que os jogos podem ser eficazes para tornar a sala um ambiente dinâmico, o que favoreceu a construção do conhecimento de forma participativa e compartilhada entre os discentes constantemente individualistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência evidenciou o quão fragmentadora tem sido a Geografia Escolar, ao apresentar os conteúdos em questão distanciados do entendimento do relevo. Logo, esta tem sido uma prática que torna a Geografia cada vez mais compartimentada. A experiência foi essencial para reforçar a necessidade de revisar, visitar e integrar conhecimentos sobre o relevo, os quais podem parecer particulares, mas, vinculam-se diretamente a outras dinâmicas espaciais.

A imersão no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, por meio do PIBID, permitiu a identificação destas lacunas, e evidenciaram as necessidades de adotar abordagens mais integradoras e contextualizadas no ensino de Geografia, sem dissociar o elementos do meio físico e social. A ausência de uma leitura crítica e holística do espaço geográfico é, de fato, um grande atravessador a ser superado, especialmente quando o processo de leitura



geográfica na educação exige a consideração de múltiplos fatores que estão, de certo modo, diretamente interligados, a exemplo do relevo e a configuração espacial dos continentes.

Como foi perceptível, esse problema se estabeleceu muito em função da maneira como o conteúdo pragmático aparece nos livros didáticos, ou, pelos métodos adotados no processo de ensino aprendizagem. A adoção de outras duas metodologias é essencial para apresentar o relevo e o espaço como um sistema integrado. Portanto, a experiência vivenciada no âmbito escolar reforça a importância de explorar e adotar novas formas de abordagem e ensino para a Geografia, possibilitando aos alunos uma leitura crítica, significativa e integrada do espaço geográfico, tendo em vista as complexas interações entre relevo, sociedade, homem e natureza.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S.; OLIVEIRA, P. B. de; REIS, D. A. dos. **The importance of didactic games in the teaching-learning process: An integrative review. Research, Society and**

Development, [S. l.], v. 10, n. 4, p. e41210414309, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i4.14309. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14309>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ASCENSÃO, V. O. R.; VALADÃO, R. C. **Por uma Geomorfologia socialmente significativa na Geografia Escolar: uma contribuição a partir de conceitos fundantes.** Revista Acta Geográfica. Boa Vista, Edição Especial. pp.179-195. 2017. DOI: <https://doi.org/10.18227/2177-4307.acta.v11iee.4780>. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4780>. Acesso em: 9 Jan. 2025

BERTOLINI, William Zanete; VALADÃO, Roberto Célio. **A abordagem do relevo pela geografia: uma análise a partir dos livros didáticos.** Terra e Didática, Campinas, SP, v. 5, n. 1, p. 27–41, 2015. DOI: 10.20396/td.v5i1.8637500. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8637500>. Acesso em: 9 abr. 2024.

CASTELLAR, Sonia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010. (Coleção Idéias em Ação, coordenadora Anna Maria Pessoa de Carvalho).

CASSETI, Valter. **Ambiente e apropriação do relevo.** São Paulo: Contexto, 1991.

CASSETI, Valter. **Elementos de Geomorfologia.** Editora da UFG, 1994. 137p.



CHRISTOFOLETTI, Antonio. **Geomorfologia**. São Paulo, Editora Blucher, 1980. 188 p.

DA SILVA, Ruan Carlos Fernandes, PEREIRA, Juan Carlos Cavalcante, SILVA, Geane Lira, OLIVEIRA, Lucas Henrique Souto, SILVA, Eduardo dos Santos, SILVA, Helena Paula de Barros. **A IMPORTÂNCIA DA DIDÁTICA PARA O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA: UM DESTAQUE PARA O ENSINO DE GEOMORFOLOGIA**. p. 35-42, 2022. in: DA SILVA, Fredson Pereira, BARRA, Otávio Augusto de Oliveira Lima, PACHECO, Clécia Simone Gonçalves Rosa. **Novas dimensões da geografia** [livro eletrônico]: ensino, práticas e pesquisas . Campina Grande : Editora Amplia, 2022. 179 p.

D'ARROCHELLA, M. **OS ELEMENTOS DO RELEVO COMO FRONTEIRAS NATURAIS NA DEFINIÇÃO DE LIMITES TERRITORIAIS** . Humanidades em Revista, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 141–156, 2024. Disponível em: <https://seer.unirio.br/hr/article/view/11636>. Acesso em: 17 fev. 2025.

FLORENZANO, Teresa Gallotti. **Geomorfologia: conceitos e tecnologias atuais**. Oficina de textos, 2016.

GRÜBEL, J. M.; BEZ, M. R. **Jogos Educativos**. Revista Novas Tecnologias na Educação, Porto Alegre, v. 4, n. 2, 2006. DOI: 10.22456/1679-1916.14270. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/14270>. Acesso em: 10 jan. 2024.

LOPES, Ângela Tenilly Ribeiro. **A importância do planejamento para o sucesso escolar**. / Ângela Tenilly Ribeiro Lopes. Monografia (Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB, Redenção - Ceará, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/429/1/%C3%82ngela%20Tenilly%20Ribeiro%20Lopes.pdf>. Acesso em: 17. Fev 2024.

MARQUES, Jorge Soares. **Ciência Geomorfológica**. In: Guerra e Cunha. et al. **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 23-50.

MACEDO, D. R., FIRMIANO, K., LIGEIRO, R., SILVA, D., RIBEIRO, W., CASTRO, D., & CALLISTO, M. (2015). **Como o relevo explica a ocupação humana e suas relações com a biodiversidade aquática em bacias hidrográficas de empreendimentos hidrelétricos?**. In: XXI Simpósio Brasileiro de Recursos Hídricos, Brasília - DF. Anais, p.01-08.

OLIVEIRA, A. O. S. A. NUNES, J. O. R. **CONTEXTOS E SIGNIFICADOS DO RELEVO PARA O ENSINO DE GEOMORFOLOGIA**. Caderno Prudentino de Geografia,



[S. l.], v. 1, n. 31, p. 127–147, 2020. DOI:10.20396/sbgfa.v1i2017.2375 Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7444>. Acesso em: 28 abr. 2024.

PELECH, André. (2021). **CLASSIFICAÇÕES GEOMORFOLÓGICAS DE RIOS: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA**. v. 2, n. 2, p. 1-27, 2021. DOI:10.48025/ISSN2675-6900.v2n2.2021.170. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/357279007_CLASSIFICACOES_GEOMORFOLOGICAS_DE_RIOS_UMA_BREVE_DISCUSSAO_TEORICA. Acesso em: 17. Fev. 2025.

ROSS, J. L. S. **Geomorfologia: Ambiente e planejamento**. Editora Contexto. São Paulo. 1996.

OLIVEIRA, Maria Gabriela Martins de; SANTOS, Ivaneide Silva dos. **Oficinas pedagógicas e aprendizagem significativa no ensino de geografia**. Revista Ensino de Geografia (Recife), [S. l.], v. 5, n. 3, 2022. DOI: 10.51359/2594-9616.2022.253710. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/ensinodegeografia/article/view/84-105>. Acesso em: 17 fev. 2025.

SILVA, S. H. P. **GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA: uma dicotomia a ser superada?** . Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História, [S. l.], v. 4, n. 4, 2007. DOI: 10.18817/ot.v4i4.411. Disponível em: https://outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/411. Acesso em: 10 abr. 2024.

SILVA, Ronilson Fernandes; MACÊDO, Francisco Edigley; GALDINO, Cássio Expedito. **A GEOMORFOLOGIA NA INTERFACE COM O ENSINO DE GEOGRAFIA**. In: ANAIS 13º ENPEG, João Pessoa-Paraíba, 2013

TORRES, Eloiza Cristiane; SANTANA, Cristiane Daniela. **Geomorfologia no ensino fundamental: conteúdos geográficos e instrumentos lúdico-pedagógicos**. GEOGRAFIA (Londrina), v. 18, n. 1, 2009. DOI:10.5433/2447-1747.2009V18N1P233 p. 233-246. Disponível em: https://sgbeduca.sgb.gov.br/media/professores/geomorfologia_ensino_fundamental.PDF. Acesso em: 17. fEV 2025.

VENTURI, Luis Antonio Bittar. **Os diferentes significados do relevo no ensino de Geomorfologia**. In: Anais do V Simpósio Nacional. Santa Maria: UFSM, 2004.